

BIÓLOGO-PROFESSOR: RELAÇÃO ENTRE EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E CONCEPÇÕES EM TORNO DA DOCÊNCIA PARA LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Sandra Valeria Santos de Cerqueira¹

Universidade Federal de Sergipe.

sandra_valeriac@yahoo.com.br

Lívia de Rezende Cardoso²

Universidade Federal de Minas Gerais.

Livinha.bio@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, propusemo-nos analisar a relação entre expectativas profissionais e concepções em torno da docência para licenciandos em Ciências Biológicas. Para tanto, foram entrevistados sete calouros e sete formandos, a fim de perceber as razões da escolha do curso; analisar os conflitos que envolvem essa busca; conhecer a concepção de professor; buscar conhecer como desejam exercer seu papel profissional; comparar os perfis profissionais dos entrevistados. Assim, constatamos que o curso foi criticado por aqueles que não se identificam com o mesmo, enquanto que os outros percebem que este fornece bom embasamento na futura profissão. Além disso, a maioria está se definindo profissionalmente, pois, quando se trata de sentimento em relação à vida profissional, é preciso tempo para experimentar e conhecer o papel desempenhado pela docência.

Palavras-chave: Identidade Profissional; Ensino de Ciências; Formação de Professores.

ABSTRACT

In this work, we considered to analyze the relation between professional expectations and conceptions around the teaching for students in Biological Sciences. Seven freshmen and seven students had been interviewed, in order to perceive the reasons of course's choice; to analyze the conflicts that involve this search; to know the teachers conception; search to know how they desire to exert their professional paper; to compare the professional profiles of the interviewed ones. Doing this, we evidence that the course was criticized by who do not identify themselves with the profession, while the others perceive this offers good basement in future profession. Moreover, the majority is defining themselves professionally, therefore is necessary time to try and to know the role teachers performance.

Keyword: Professional Identity; Sciences Teaching; Formation Teachers.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos de estudo, os alunos preparam-se para entrar na universidade e decidem pelo seu curso. No entanto, em alguns casos, ainda não sabem se escolheram o certo. Começam a cursá-lo e, em meio a tantas discussões colocadas na academia, surgem dúvidas nos futuros profissionais. Isso é ainda mais intenso quando se trata da docência, uma vez que o processo de construção do ser professor está atrelado a vários fatores.

Libâneo (2001, p. 68) entende que esta identidade docente é o “[...] conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores que definem e orientam a especificidade do trabalho do professor”. Os traços que definem a identidade profissional vão além dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida do professor ou até mesmo das técnicas aplicadas por ele em sala de aula. Isto porque abrangem opiniões tomadas a partir dessas, constituindo-se de resultados do seu olhar pessoal, de suas concepções, de valores, de visões do mundo, fazendo com que cada profissional encontre novos significados. (NADAL e BRANDALISE, 2005)

Muitos encontram-se confusos antes e durante o exercício da profissão e, bem antes de reconhecerem-se como professores, passam pelo estágio de reconhecimento pessoal até se definirem profissionalmente. Além disso, para chegar a uma boa prática em sala de aula é preciso obter uma boa formação. Para Baptista (2003), a formação docente inicial já não pode mais ser reduzida ao estudo e domínio de conteúdos e técnicas para serem utilizadas em suas futuras práticas pedagógicas. Os cursos precisam possibilitar que os licenciandos, na posição de estagiários, possam assumir uma postura crítica diante da sua prática e não apenas executem as tarefas solicitadas pelos professores da universidade.

Para Nôvoa (1999, p. 26), “a formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão”. A formação de professores precisa ser repensada de modo a se fundamentar em modelos que sirvam de embasamento para os futuros profissionais na construção do saber docente.

Pretendemos abordar, neste artigo, as expectativas profissionais, bem como as concepções de docência tanto dos licenciandos que nunca entraram em sala como dos que já estão cursando o estágio curricular obrigatório. Antes de iniciar essa pesquisa, é preciso esclarecer que falar dos dilemas e expectativas dos futuros professores que estão a caminho de se formarem, ou estão no início de tal jornada, constitui-se algo importante na busca dos nossos objetivos.

Desta forma, a presente pesquisa, que constituiu-se no trabalho de conclusão de curso de uma das autoras e sob orientação da outra, buscou responder à seguinte questão: qual a relação entre expectativas profissionais e concepções em torno da docência? Para respondê-la, traçamos um plano de ação metodológico que objetivou, de um modo geral, relacionar as expectativas profissionais dos licenciandos em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe com suas concepções em torno da docência.

Como ferramenta de investigação, utilizamos a entrevista devido a sua natureza interativa, pois se assemelha a uma conversa. De acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (1999), esta possibilita abordar temas complexos, onde o entrevistador está interessado em compreender o significado atribuído pelos entrevistados a eventos, situações e processos. Para Marconi e Lakatos (1999), a preparação para entrevista é uma etapa importante da pesquisa, pois é nessa etapa que o pesquisador deve ter com clareza as informações de que necessita. E, nesse sentido, as autoras recomendam, dentre outras, as seguintes medidas: ter em vista o objetivo a ser alcançado, conhecer o grau de familiaridade do entrevistado com o assunto e organizar um roteiro para a entrevista.

Tendo esses critérios em vista, foram entrevistados 14 estudantes de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Destes, sete eram calouros – C –, possuíam idade entre 18 e 21 anos, cursavam os 3º e 4º períodos e apenas um já respondeu que já havia ministrado aula de Inglês, mas de Biologia nunca. Os outros sete eram formandos – F –, possuíam idade entre 20 e 27 anos, cursavam os 7º e 8º períodos e estagiavam em escolas públicas como estágio supervisionado. A entrevista teve duração média de 25 minutos, objetivando fazer uma comparação de resultados. A escolha dos mesmos foi feita pelo critério de sensibilização dos participantes pela pesquisa.

Os dados dos entrevistados foram analisados através das seguintes categorias: razões para a escolha do curso, expectativa em relação ao mesmo e em relação à vida profissional, concepções acerca da profissão professor, relação entre teoria e prática docente e identidade profissional. Além disso, optamos por não separar a análise dos dois grupos de entrevistados – calouros e formandos – de modo a destacar a relação entre expectativas e visão de docência.

O QUE É SER BIÓLOGO-PROFESSOR?

De acordo com o Conselho Federal de Biologia, Biólogo é todo portador de diploma em Ciências Biológicas que esteja em situação regular junto ao Conselho que regulamenta o exercício de sua profissão. No caso dos licenciandos, eles estão habilitados a atuar, também, em sala de aula da Educação Básica ou Superior.

Segundo Cunha (2006, p. 05), “é preciso atentar para a amplitude das possibilidades docentes dos profissionais em questão.” Ou seja, a cada momento os campos de atuação para o biólogo aumentam, pois este profissional pode operar em outros cenários, tais como: zoológicos, museus, parques, áreas de proteção ambiental. Isso faz com que o biólogo não reduza o ato de ensinar somente à sala de aula. Portanto, o Biólogo-Professor pode construir-se profissionalmente através de várias opções, cabendo aos licenciandos em formação pesar suas expectativas profissionais e campos de atuação.

Ao optar pelo caminho da docência, Nadal e Brandalise (2003, p. 74) propõe que:

Se a identidade do professor é resultante de uma composição entre o que ele idealiza ser, o que efetivamente é e como esse ‘ser’ é percebido pelos outros, a segurança em relação a profissão e ao profissional que a exerce é essencial para a definição da sua identidade, do seu reconhecimento e esses, consequentemente, são fundamentais para o processo de profissionalização, pois o alavancamento de práticas rumo a essa conquista demanda consciência, por parte dos professores, de quem são eles hoje (enquanto categoria/grupo social), de seus papéis e daquilo que deles se espera.

A partir do momento que os licenciandos começam a refletir sobre sua identidade profissional, eles descobrem um novo mundo à sua volta e também a si mesmos, o que ajuda a estarem sempre refletindo como foi a sua prática (BAPTISTA, 2003). Antes de qualquer coisa, os professores em formação precisam estar cientes do seu papel na sociedade. Precisa-se que se perguntam e tentem responder às questões: O que é ser professor? Como preciso enxergar meus campos de atuação? Qual formação é necessária para que eu me constitua como tal? Isto porque “em uma instituição com múltiplas finalidades como é a escola, é de se afirmar que existe também uma multiplicidade de papéis atribuídos aos professores, que precisam ser conhecidos e compreendidos” (UNESCO, 2004, p.125).

FORMAÇÃO DO BIÓLOGO LICENCIADO

De acordo com Nóvoa (1999, p. 22), “a crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não se vislumbram perspectivas de superação a curto prazo.” O professorado tem enfrentado muitas crises, mal-estar, insatisfação com a profissão e a partir disso tem parado de investir nela, de fazer o seu trabalho bem feito, por isso que encontramos alguns professores descomprometidos com a educação.

Nadal e Brandalise (2005) dizem que cada professor é único, como cada ser é único. O docente constrói a sua prática de acordo com sua identidade e com suas experiências, ou seja, é algo pessoal. Os autores falam de cultura profissional como forma de explicar que o professor constrói sua identidade de acordo com o que ele vive e com suas trocas de

experiências com outros professores. A cultura vem como um suporte na vida do docente, no momento em que são compartilhados os dilemas e no processo de aceitação dos colegas de profissão. Esta influí também na formação da categoria de professores e de como se constrói a identidade do profissional com a entrada de novos profissionais no mercado.

A relação do saber dos professores vai se acumulando ao longo de suas experiências. O professor tem que ter inúmeras capacidades, aquela de fazer o aluno aprender, e a de fazer com que o aluno se desenvolva. Além disso, tem que saber se articular dentro do seu grupo, tem que saber lidar com as diferenças e ainda tem que estar sempre se auto-avaliando (MELLO, 2001).

Ao longo de anos, o professor em formação busca estar inteirado de novas metodologias para melhorar suas práticas. Mas isso não se constitui de uma tarefa fácil. Os licenciandos em processo de construção tanto os de início de curso, quanto os formandos, tem seus dilemas e suas dúvidas a respeito da profissão, tanto quanto professores renomados. Segundo Mello (2001), viver a prática docente é muito importante e válido, desde que a teorização sirva de base para os professores em formação. É preciso saber relacionar a teoria com a prática para que o futuro professor possa promover uma contextualização com fatos reais, para que possa construir o significado do conhecimento aprendido.

Para Mello (2001), o professor precisa saber traduzir e contextualizar podendo assim construir o conhecimento com os seus alunos. As disciplinas Didática e Prática de Ensino deveriam andar juntas desde o 1º ano dos cursos de licenciatura. Na relação entre teoria e prática, o licenciando precisa ter a percepção de que pesquisa e ensino estão interligados na construção do futuro professor. Além disso, no ensino, a competência não vem só do conhecimento científico, mas da capacidade do professor em tomar decisões em sala de aula, que é um ambiente imprevisível. É por isso que o professor precisa fazer ajustes em suas ações, através da experiência para ir construindo sua prática.

No âmbito da formação do Licenciando em Biologia, para Gordert (apud Araújo et al 2007, p.251), o profissional licenciado não pode somente preocupar-se com os conhecimentos referentes à área biológica, pois isso acarreta numa inadequação dos profissionais ao mercado de trabalho, já que estes não se interessam pelas disciplinas de ensino. Com isso, há também um afastamento do futuro profissional da realidade da docência, já que ele não está engajado com as discussões e com as práticas pedagógicas que ocorrem na educação. Assim, este profissional precisa apropriar-se das maneiras mais viáveis pelas quais seus alunos aprendem. Em outras palavras:

Não basta o professor *saber que* aprender é também apoderar-se de um novo gênero discursivo, o gênero científico escolar, ele também precisa *saber fazer* com que seus alunos aprendam a argumentar, isto é, que eles sejam capazes de reconhecer às afirmações contraditórias, as evidências que dão ou não suporte às afirmações, além da capacidade de integração dos mistérios de uma afirmação. Eles precisam saber criar um ambiente propício para que os alunos passem a refletir sobre seus pensamentos, aprendendo a reformulá-los por meio da contribuição dos colegas, mediando conflito pelo diálogo e tomando decisões coletivas (CARVALHO, 2004, p. 9).

Não se pode mais fechar os olhos e achar, segundo Gil-Pérez e Carvalho (2004, p. 1), “que basta conhecer um pouco de conteúdo e ter jogo de cintura para mantermos os alunos nos olhando e supondo que enquanto nos prestam atenção estejam aprendendo”. Mas tem-se é que incorporar a grande quantidade de pesquisas realizadas desde a década de 1950 sobre a aprendizagem, especificamente, dos conceitos científicos. Estas discutem desde os currículos escolares das Ciências, as metodologias, os livros didáticos, avaliação, até que tipo de enfoque a se dar à aprendizagem dos aprendizes (CARDOSO, 2009b).

Como em toda profissão, não se pode aprender a ensinar sem “colocar a mão na massa”. O professor vai errando, tentando, construindo sua prática e percebendo que por mais que mude e não dê certo, ele não pode desistir. Cada aula é uma realidade diferente, a formação do novo professor faz com que ele precise de: “capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com mídias e multimídias” (LIBÂNEO, 2001, p. 10).

EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS COM O CURSO

Ao questionarmos por que os estudantes escolheram cursar Licenciatura em Ciências Biológicas, três dos calouros disseram que sempre gostaram de Biologia no Ensino Médio – momento em que pensavam no vestibular – ou por se identificarem com a disciplina ou com o professor. Outros quatro estudantes escolheram o curso como segunda opção, ou como consequência de sucessivas tentativas fracassadas no vestibular para outros cursos ou por acreditar que o curso de Biologia possuía melhor mercado de trabalho do que os cursos que os interessavam.

Dentre os formandos, cinco deles escolheram o curso mesmo sempre querendo cursar Biologia Bacharelado, como indica a seguinte fala: “*Como eu gostava muito de Ciências e Biologia eu fiz Biologia licenciatura, porque achava que não passava no bacharelado por*

causa da concorrência” (F3). Já dois deles escolheram o curso de licenciatura em Biologia como uma segunda opção dentre os existentes no vestibular.

Assim, percebemos que a escolha do curso não foi motivada pela afinidade com o mesmo. É possível notar que, em ambos os casos, os estudantes não sabiam ao certo o que queriam, ficando assim uma lacuna na vida profissional desse futuro biólogo. Com isso, podemos refletir sobre a definição desses estudantes como profissionais, visto que sua escolha inicial já não correspondeu aos seus objetivos e anseios. Além disso, podemos questionar quanto ao seu engajamento com a futura profissão, podendo não ser satisfatório, tornando-se profissionais não realizados.

Ao questioná-los sobre “quais as suas expectativas antes de entrar no curso?”, objetivamos saber se realmente as expectativas em relação ao curso estavam sendo compatíveis com o motivo da escolha pelo mesmo. Constatamos que dois calouros disseram que o curso está correspondendo aos seus objetivos iniciais: terminar o curso e cumprir com a grade curricular que eles conheciam. Enquanto que outros dois fizeram crítica ao mesmo, referindo-se à falta de um maior “*contato com a natureza e com os animais*” (C5) e à grade curricular.

De modo diferente, três alunos – C1, C3 e C4 – se referiram a objetivos particularidades da licenciatura. Diante das respostas, observamos que esses três últimos alunos dão indícios de já possuírem um foco voltado para a profissão de professor. No entanto, os outros quatro – C2, C5, C6 e C7 – ainda não possuem o objetivo de uma carreira profissional definida. Sabemos que, como em toda profissão, só é possível termos certeza do que queremos quando já estamos vivenciando o cotidiano profissional. Os estudantes entrevistados, talvez por serem de início de curso, ainda não conhecem a realidade da sala de aula. Além disso, parecem ter ingressado na licenciatura sem saber ao certo do que se trata o curso.

Isto se deve ao fato de o início do curso proporcionar uma realidade bem diferente que os estudantes encontrarão no final do mesmo. Até o estágio em que estão, aprendem apenas os conteúdos e a prática pedagógica se torna algo distante da sua realidade. Para Baptista (2003, p. 6), “a formação docente inicial já não pode mais ser reduzida no estudo e domínio de conteúdos e técnicas para serem utilizadas em suas futuras práticas pedagógicas”. Possivelmente por isso, os calouros, por ainda não terem contato com as disciplinas pedagógicas, não conseguem sentir como é o curso.

Ao analisar as respostas dos formandos, constatamos que quatro deles (F2, F3, F4 e F7), apesar de um fazer crítica ao salário de professor, estão satisfeitos com o curso. No

entanto, os outros três – F1, F5 e F6 – ainda não possuem um objetivo de uma carreira profissional definida, apesar de já terem experciado o contato com a sala de aula no estágio obrigatório. Os estudantes entrevistados, por serem estudantes de final de curso, já conhecem a realidade da sala de aula e entraram na licenciatura sem saber ao certo do que se tratava o curso. Esses dois fatores parecem ser decisivos nessa definição profissional.

A busca de uma identidade profissional é algo intrínseco a todas as profissões, inclusive a do professor de Ciências e Biologia quando está em formação por ter um mercado relativamente diverso. Dessa forma, segundo Araújo et al (2007, p. 243), “é necessário que cheguemos a reflexões a respeito da educação superior e da formação do perfil do profissional no que diz respeito à formação do profissional biólogo”.

Podemos dizer, ainda, que os calouros não conseguem ter uma visão crítica como têm os formandos, acontecendo que somente dois calouros se referem aos aspectos da licenciatura. Os formandos também fazem isso, porém, conseguem ir mais longe quando compararam a licenciatura ao bacharelado, afirmando que a licenciatura deixa a desejar em relação às aulas de campo. Ou seja, alguns formandos afirmaram que, nas disciplinas específicas da Biologia quase não há aulas de campo para os licenciandos, ocorrendo mais no bacharelado.

Questionamos, também, em que o estudante queria atuar depois de formado, com a finalidade de saber se eles pretendem se especializar ainda mais em alguma área em Ciências Biológicas, se pretendem lecionar ou seguir lecionando e atuando na área de pesquisa. Estas três categorias foram elaboradas após análise das respostas: dois calouros responderam que pretendiam lecionar, mas ainda não se definiram em que área irão se especializar. Enquanto que outro, ao afirmar “*pretendo fazer mestrado na área de alimentos, quero dar aula e fazer pesquisa*” (C5), indica que pretende conciliar a sala de aula com a pesquisa da área biológica.

Os outros quatro estudantes demonstram uma tendência exclusiva para a área de pesquisa em bacharelado, apesar de estarem cursando a licenciatura, só admitindo a docência do nível superior, como podemos observar nos trechos de sua entrevista: “*Pretendo. Mas é preferência é universitária, porque quando você ensina você também aprende, e gosto de lidar com pessoas.*” (C6)

Dentre os formandos, um aluno respondeu que pretende lecionar e fazer especialização em Ensino ou Meio Ambiente e três pessoas afirmaram que pretendem conciliar a sala de aula com a pesquisa em áreas biológicas. Enquanto que os outros três estudantes pretendem atuar em áreas que não correspondem com o curso em questão, como afirma F1: “*fazer concursos (até na área de Biologia se eu achar o cargo bom), e outras áreas. Só pretendo fazer mestrado e doutorado se eu arranjar um emprego*”.

Observa-se que muitos ainda não se deram conta que estão em processo de formação para serem professores, também, da educação básica. Segundo Araújo *et. al* (2007, p. 250), o processo seletivo vem influenciando na escolha dos estudantes que, por sua vez, acabam por não conhecer a finalidade dos cursos escolhidos. No caso da Universidade Federal de Sergipe, a licenciatura sempre foi menos concorrida que o bacharelado por possuir um maior número de vagas, o que faz com que os estudantes optem por ela. Isso acaba atraindo alunos desinteressados pela docência na área de Ciências e Biologia.

É notória a falta de interesse pela docência tanto entre os calouros como entre os formandos, visto que apenas um estudante de cada grupo pretende lecionar. Desta maneira, pode-se refletir, novamente, quanto à atuação desses profissionais no ensino básico caso venham a lecionar futuramente. Assim, hoje, os Biólogos-Professores já não querem ser docentes, preferindo se desligar da sala de aula ao justificar que são biólogos pesquisadores, colocando a docência em segundo plano.

CONCEPÇÕES EM TORNO DA DOCÊNCIA

Em seguida, perguntamos se eles pretendiam ser professores e o porquê. Com essa pergunta, tivemos o objetivo de saber se a escolha pela licenciatura em Ciências Biológicas estava na vontade de exercer a profissão de professor, fazendo com que alguns entrassem em contradição com a resposta anterior, mas apresentando ressalvas. Constatou-se, então, que apenas dois – C4 e C5 – querem realmente exercer o ofício de professor. Enquanto que os outros cinco calouros não querem ser professores ou não se identificam com a profissão.

Por sua vez, no conjunto dos formandos, três deles responderam que pretendem ser professores universitários, fazendo relação com a pergunta anterior. Dois formandos responderam que pretendem também, mas temporariamente, e dois responderam que depende das oportunidades de emprego. É possível perceber com a comparação das respostas que os calouros não se identificam ainda com a licenciatura e, portanto, não pretendem atuar nessa área, enquanto que os formandos dão indícios de que querem lecionar, apesar de alguns falarem que isso pode ocorrer de forma temporária. Isso nos mostra, talvez, que o interesse pela licenciatura pode ir aumentando com o adiantar do curso. No entanto, ainda não é algo que os estudantes colocam como primeiro plano em suas vidas, é algo que eles tentarão conciliar com outras coisas ou com outra profissão.

Mais uma vez, fica evidente o desinteresse pela licenciatura, isso faz com que a universidade coloque profissionais despreparados no mercado de trabalho. Para Araújo *et. al* (2007, p.250), esse fato está prejudicando a atuação dos profissionais licenciados em Ciências

Biológicas, pois eles não possuem o perfil proposto pela universidade. A fundamentação teórica que devem possuir não é alcançada e os profissionais não saem habilitados para desempenhar as suas funções.

Com o intuito de saber qual a idéia que eles têm acerca da atuação do professor, fizemos-lhes a seguinte pergunta: “O que é ser professor para você?”. Assim, pudemos notar duas categorias de respostas: uma relacionada à idéia de transmissão de conhecimento e outra que se referia ao facilitador e transformador.

“É ter a capacidade de passar seus conhecimentos de forma que o aluno absorva a maior quantidade de conhecimentos da melhor maneira possível” (C1). Esta resposta representa o pensamento de cinco estudantes sobre o ser professor e se encaixa na primeira categoria. Enquanto dois – C5 e C7 – responderam que é um facilitador e um veículo de transformação. De modo a corroborar com os dados obtidos até então, a primeira de concepção sobre professor, apresentada pela maioria, encontra-se distorcida.

De modo semelhante, quatro estudantes formandos responderam que é ter a capacidade de transmitir ou passar conhecimentos, dois disseram que é contribuir de todas as formas possíveis na formação do aluno – como podemos observar na seguinte resposta: “Ser professor é ser exemplo, é ser amigo, é muito mais do que você dar a matéria. É você ensinar a viver, é passar experiência de vida para as pessoas. Fico feliz com bons resultados dos alunos. Fazendo isso me realizo pessoalmente” (F3) – e um respondeu que é passar conteúdos de forma prazerosa. Comparando as respostas, avaliamos da seguinte forma: os calouros possuem uma idéia de ser professor muito distorcida da realidade, apesar de um deles ter dado uma resposta plausível ao dizer que é um veículo de transformação. Enquanto que alguns formandos possuem uma idéia mais elaborada do ser professor, ao não tratarem o professor como uma mera figura que está na sala de aula apenas para passar conhecimentos, mas como uma pessoa que ajuda na construção do mesmo.

Vale destacar que ser professor não é somente buscar novos conceitos, novas formas de ensinar, ser professor é tentar construir seus próprios caminhos e tornar-se uma referência do processo de ensino (FREITAS, VILLANI, 2002). De modo complementar, Mello (2001) afirma que ensinar é uma atividade relacional: para co-existir, comunicar, trabalhar com os outros, é necessário enfrentar a diferença e o conflito. “Ensinar exige aprender a inquietar-se e a indignar-se com o fracasso sem deixar destruir-se por ele.” (MELLO, 2001, p. 11).

Por fim, foram questionados sobre como se identificavam profissionalmente, mesmo eles já tendo apresentado indícios disso. Então, quatro calouros responderam que não sabem se identificar profissionalmente e um quer ser biólogo provavelmente. Enquanto que dois dão

indícios que serão professores. No entanto, um deles apresentou uma idéia equivocada do que venha ser “professor pesquisador”. Na sua concepção, seria o professor que também faz pesquisa em Biologia, mas, na verdade, professor-pesquisador é aquele que ensina e faz pesquisa na sala de aula (ZEICHNER, 1998).

Isso demonstra a confusão que existe no início do curso: a não definição profissional, talvez porque os estudantes ainda não reconheçam que estão fazendo uma licenciatura. Diante disso, Araújo et al (2007, p.243), coloca que “é necessário que cheguemos a reflexões a respeito da educação superior e da formação do perfil do profissional no que diz respeito à formação do profissional biólogo”.

Cardoso (2009a) também ressalta que a melhoria do ensino de Ciências se torna mais eficaz quando se pensa a formação inicial do professor através da pesquisa, abrindo-se espaço para a reflexão da prática ao observar o processo, ao formular questões a cerca do mesmo, ao propor inovações a partir dos resultados alcançados, ao aprender com a experiência e, assim, acertar as ações de acordo com o diálogo com os semelhantes. Nessa proposta de formação docente, o professor passa a conhecer os métodos científicos na área de educação e a valorizar seu papel como agente transformador.

Em relação aos formandos, pudemos constatar que um ainda não se identifica com nenhuma profissão, três se consideram bons professores, um se percebe como administradora e dois se identificam profissionalmente como biólogos e professores. Assim, apesar de estarem no final do curso, os licenciandos ainda possuem dúvidas quanto ao exercício de uma profissão e muitos ainda estão se definindo. Porém, apenas dois formandos ainda não se encaixaram no perfil profissional correspondente ao curso que estão fazendo. Isso é esperado, pois diante das disciplinas pedagógicas cursadas pelos formandos e da prática de ensino tanto em Ciências como em Biologia, eles já conseguem opinar como se sentem em relação a sua futura vida profissional. Os calouros não conseguem se definir talvez pelo motivo de não terem nenhum contato ainda nem com as disciplinas pedagógicas e nem com a sala de aula.

Com esses dados, podemos inferir que a forma pela qual o curso foi escolhido e o estágio em que o aluno esteja na grade curricular não influenciam na concepção de docência do Professor-Biólogo. Dentre os calouros, apenas três – C2, C3, C6 – optaram pela licenciatura por possuir afinidade, mas apresentaram visões simplistas do ser professor. Além disso, apenas C4 e C5 afirmaram quer lecionar futuramente, sendo que somente o último apresentou uma definição consistente do que é ser professor. Portanto, isso indica que, para os alunos que ainda não passaram pelas disciplinas pedagógicas, a visão inicial do ser professor

não esteve vinculada à sua opção no vestibular pela licenciatura, nem com seu desejo de seguir essa carreira no futuro.

No caso dos alunos que já estão finalizando o curso, como todos escolheram a licenciatura como segunda opção no vestibular, não houve como fazer a relação entre opção inicial pelo curso com a visão de docência. Porém, no âmbito do desejo em lecionar futuramente, todos apresentaram esta intenção, bem como as visões do ser professor foram coerentes e satisfatórias em todas as respostas. Podemos inferir, então, que os formandos, talvez por já terem cursado as disciplinas pedagógicas, têm a expectativa de seguir na licenciatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo revelou que a escolha da Licenciatura em Ciências Biológicas não se estabelece como uma primeira opção. Desta forma, percebe-se que as expectativas dos estudantes não eram criadas em relação ao curso ou à profissão, mas sim à aquisição de um nível superior. Algumas vezes, as expectativas existentes eram criadas em relação ao Bacharelado ou ao desejo de que o curso de Biologia atendesse seus sonhos. Nesse último caso, a maioria queria cursar algo na área de saúde, mas não conseguiram. Por esse motivo, apostaram em Biologia por ser mais fácil de passar e estar próximo à saúde.

As entrevistas revelaram ainda que os estudantes de início de curso não se identificam ainda com a licenciatura, fazendo com que se sintam como bacharéis. Enquanto que os estudantes de final de curso revelaram estar mais seguros do que querem e a maioria se sente biólogos-professores, apesar de quase todos não saberem se querem continuar seguindo essa carreira futuramente.

Foi dado um enfoque maior nos dois grupos entrevistados à concepção que eles têm do que é ser professor, de como eles estão se sentindo profissionalmente e o que eles estão sentindo em relação ao curso. As disciplinas de educação têm um papel muito importante na construção da identidade profissional dos licenciandos e também no processo de construção da sua prática docente. Os estudantes só percebem que estão cursando a licenciatura no final do curso, o que ocasiona várias crises fazendo que tenham dúvidas do que querem seguir no futuro como profissão. O estágio obrigatório vem como um suporte para que boa parte desses estudantes que não se encontraram ainda possa ajudar a conhecer um pouco a prática docente, podendo influenciar na escolha da profissão dos acadêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, W. *et. al.* Formação Acadêmica e Identidade Profissional de Formandos do Curso de Ciências Biológicas do ICB/UFG. In: **Revista Solta a Voz**. v.18. n.2. out. 2007. p. 243-254

BAPTISTA, G. A importância da reflexão sobre a prática de ensino para a formação docente inicial em Ciências Biológicas. In: **Ensaio**. v.5. n.2 out. 2003. p.4-11.

CARDOSO, L. R. Formação inicial do professor pesquisador: possibilidades na Prática de Ensino de Ciências. In: ARAUJO, M. I. O.; SOARES, M. J. N.; ANDRADE, D. (org.) **Desafios da formação de professores para o século XXI**: o que deve ser ensinado? O que deve ser aprendido? São Cristóvão: Editora UFS, 2009a 131 p.

_____. A Pesquisa em Ensino e a Formação de Professores de Ciências e Biologia: aspectos que se cruzam?. In: **CD do XIX EPENN - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**, João Pessoa: 2009b p. 1-14.

CARVALHO, Anna M. P. de. Critérios Estruturantes para o Ensino das Ciências. In: CARVALHO, Anna M. P. de (org.). **Ensino de Ciências: Unindo a Pesquisa e Prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004 pp. 1-17

CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. **Resolução n. 10 de 05 de julho de 2003**. Dispõe sobre as Atividades, Áreas e Subáreas do Conhecimento do Biólogo. Disponível em: <http://www.cfbio.org.br/instituicao/legislacao/resolucao_10.html>. Acesso em: 21 de jan. de 2009.

CUNHA, M. M. S. O Biólogo Professor. **Bionotícias/CRBio**. Recife: 5, 03 set. 2006.

FREITAS, D.; VILLANI, A. Formação de Professores de Ciências: um desafio sem limites. In: **Investigações em Ensino de Ciências**. v.7, n.3. Porto Alegre: 2002, p. 25-37.

GIL-PÉREZ, Daniel; CARVALHO, Anna M. Pessoa de. **Formação de professores de Ciências**: tendências e inovações. 8^a ed. São Paulo: Cortez, 2004 120 p.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola**. Goiânia: Alternativa, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006. 215 p.

MAZZOTTI, A. J. A.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método das Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

MELLO, G. Formação Inicial de Professores para a Educação Básica: uma (re)visão radical. In: **Revista Iberoamericana de Educación**. n.5. Madrid: 2001 p. 147-174

NADAL, B.; BRANDALISE, M. Identidade dos docentes em formação: quem são os futuros professores de matemática? In: **Olhar de Professor**. v. 8 n. 002. Ponta Grossa: 2005. p. 65-75.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. 2 ed. Portugal: Porto, 1999.

UNESCO. **O perfil dos Professores Brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. Pesquisa Nacional. São Paulo: Moderna, 2004.

ZEICHNER, K. M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico In: GERALDI, C. M.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. (orgs.) **Cartografia do trabalho docente**: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, Mercado de Letras: ABL, 1998. pp. 207-236.

¹ Licenciada em Ciências Biológicas e Mestranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe, componente do Grupo de Pesquisa do Laboratório de Biofísica do Coração(LBC) da Universidade Federal de Sergipe.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, componente do Grupo de Estudos e Pesquisa Currículos e Culturas.